

**O AMOR EM UMA
APRENDIZAGEM**

ou

**O LIVRO DOS
PRAZERES**

UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

William Amorim

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Osmar Savioli Júnior

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A524a Amorim, Willian. –

O amor em uma aprendizagem ou o livro dos prazeres: uma abordagem psicanalítica / Willian Amorim – Penalux: Guaratinguetá, 2018.

152 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-451-8

1. Ensaio I. Título

CDD B869.4

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1

PSICANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA: O DESVELAR DA CRISE

Toda escritura convoca um leitor.

— OCTÁVIO PAZ

O que não se diz é mais importante do que o que eu digo.

— CLARICE LISPECTOR

A crítica literária do início do século XX porta o dilema de situar-se entre o mito da imparcialidade – a universalidade abstrata da crítica normativa, o cientificismo da história literária cos caprichos da subjetividade. Como muito bem ilustram as últimas décadas, a crítica não passou ilesa a essas definições posto que ora atrelava-se às ciências humanas ou exatas; ora pretendia ser, ela mesma, uma ciência da literatura, enquanto ciência das condições do conteúdo, ou seja, das formas e ora comportara-se como uma crítica apaixonada, parcial, política. A crítica “engaja integralmente o homem”, diria Sartre.

É, sobretudo, um momento de confrontos entre os adeptos da crítica clássica ou acadêmica e os da nova crítica. O

mais importante nisso tudo talvez seja o fato de a crítica literária estar sendo discutida colocada em questão, na medida em que sua essência torna-se uma reflexão continua.

Por movimentar-se entre pólos opostos, a crítica literária viu-se ocupando uma difícil posição, porque incerta. E é justamente isso que parece vir à tona nesses confrontos. Lembremos, para efeito de ilustração, aquela que se convencionou chamar de “a querela da nova crítica”, que mais se parece uma querela entre modernos e antigos.

Tudo se desencadeou, com um ataque de um antigo professor da Sorbonne, Raymond Picard, publicado nas páginas do jornal *Le Monde* em 1964, dirigido a Roland Barthes e com uma outra publicação igualmente hostil em 1965. intitulada “Nova crítica ou nova impostura”, destinada ao movimento chamado Crítica de interpretação ou Nova Crítica que, para o articulista, possuía uma realidade mais polemica que intelectual. Com isso, Picard proclamou como inimigos nada menos que Jean-Pierre Richard, Roland Barthes, Jean Starobinski e conseqüentemente, a psicanálise ou psicocrítica, a análise de cunho marxista, a estrutural, a existencialista ou fenomenológica. Ridicularizou as análises temáticas de Jean-Paul Weber, criticou sutilmente a psicocrítica de Charles Mauron, aceita pela Universidade, e protestou contra uma suposta intenção “totalitária” da crítica moderna.

Contudo, seu alvo preferido mesmo era Barthes. Acreditava que a crítica moderna ao articular atitudes aparentemente incompatíveis como a impressionista e a dogmática, não

passaria de um “impressionismo ideológico.] de essência dogmática e o sr.Barthes a Pítia filósofa⁵”.

Em suma, sua reprovação estaria, segundo Bruel, no fato de a nova crítica “se movimentar com muita facilidade no terreno do inverificável, roçando diversas disciplinas sem se aprofundar em nenhuma, insistindo na sexualidade, usando um jargão patológico, mas negligenciando a precisão do léxico do escritor considerado⁶”.

Roland Barthes não poderia deixar por menos. Ao publicar, em 1966, sua Crítica e Verdade, chamava a atenção para o caráter positivista “na exigência de objetividade e valores clássicos ultrapassados na afirmação dos direitos do gosto e da clareza⁷”. No seu entender,

“a doença, a enfermidade da antiga critica estaria na sua impotência em perceber ou em manter os símbolos (‘assimbo-
lia’) e em tentar uma leitura “plural” de um texto com múltiplas significações (polissemia’). Partindo desse princípio, a crítica literária define-se como um discurso que assume abertamente, correndo os riscos, a intenção de dar um sentido particular à obra (‘o crítico desdobra os sentidos, faz flutuar, acima da primeira linguagem, uma segunda linguagem, ou seja, uma coerência de signo⁸s)’”.

5. P. BRUNEL. A Crítica Literária, p. 106

6. Ibid

7. Ibid

8. Roland BARTHES Apud P BRUNEL. A crítica literária p.107

Muitos outros teóricos se posicionavam favorável ou desfavoravelmente em relação aos dois polemistas e, com isso, novas perspectivas foram abertas para a crítica. Mais conveniente do que arrolá-los aqui, seria a lembrança de que diferentemente do que pensava Picard, a nova crítica não se pretendia uma “escola”, mas apenas reunir em torno de si inúmeras tendências divergentes. Quiçá esteja aí sua grandeza maior, pois como assinala Serge Doubrovsky. “o imenso mérito da nova crítica [...], sua autêntica novidade, entre seus melhores representantes, foi ter finalmente despertado a crítica de sua letargia secular”⁹, não por devolve-la à literatura, mas principalmente por provocar uma séria reflexão sobre si mesma, seus objetivos, métodos, enfim, sobre sua essência.

Segundo Brunel, as tentativas de aplicação da psicanálise à literatura são os melhores exemplos desses conflitos existentes no interior mesmo da crítica literária. Para quem quiser se aprofundar nesse assunto, ele sugere o texto de Anne Clancier, intitulado *Psychanalyse et critique littéraire*.

A verdade é que críticos antigos e modernos não resistiram à tentação de articular a psicanálise à literatura. Esse desejo por uma “psicanálise literária” persiste desde a época do surrealismo. Exemplo disso é a apresentação da *Anthologie de l’humour noir* feita por André Breton, onde ele coloca o humor como sendo uma compensação do Princípio do prazer ligando à censura (superego) em relação ao princípio da realidade associada à instância do Eu.

9. Serge DOUBROVSKY. Apud BRUNEL. Op. Cit.p.116.

Com René Laforgue e seu *L'échec de Baudelaire* (1931), a “psicanálise literária” assume as formas patográfica e com o Edgar Poe (1933), de Marie Bonaparte e *La jeunesse d'Andre Gide* (1957), de Jean Delay, torna-se psicobiografia.

Com a pretensão de distanciar-se dessas orientações Charles Mauron cria em 1948 a chamada psicocrítica, um método mais centrado no texto, a fim de nele mesmo descobrir relações e fatos não percebidos ou vistos de maneira insuficiente. Entretanto, a chave das descobertas estaria na personalidade inconsciente do escritor.

Enquanto a psicanálise adota como técnica o procedimento com as “associações livres”, a psicocrítica vai valer-se da sobreposição de textos, averiguando como imagens ou grupos de imagens se entrelaçam, se repetem e se modificam na obra do escritor. Preocupa-se ainda em separar as estruturas denunciadoras de representações dramáticas; em identificar o “mito pessoal” do autor e, por fim, e em último caso, o recurso à sua biografia.

Apesar de já ter sido considerada de vanguarda, a psicocrítica é hoje bastante criticada, principalmente pelos adeptos da história literária mais austera. De qualquer modo é sempre conveniente atentar para os riscos daquilo que Montherlant chamava de “psicanálise de supermercado”.

A psicocrítica chocou-se com os dissidentes de Freud, principalmente os junguianos, que pretendiam substituir a noção de inconsciente pessoal pela de inconsciente coletivo. Para Gilbert Durand, discípulo de Jung e criador da Mitocrítica, o “mito pessoal”, de Mauron, não passaria de uma aberração

conceitual e terminológica, posto que o mito “ultrapassa e em muito, a pessoa, seus comportamentos e sua ideologia¹⁰”, sendo necessário conceder-lhe “uma onipotência bem superior à distribuída pelos caprichos do ego¹¹”. Ele entende a literatura como sendo do campo mito e estrutura sua mitocrítica substancialmente na crença de “que uma ‘imagem obsedante’ um símbolo-meio, pode ser não apenas integrado a uma obra, como também deve basear-se, para ser integrante motor de integração e de organização do conjunto da obra de um autor, um fundo antropológico mais profundo do que a aventura individual registrada nos extratos do inconsciente biográfico”¹².

Um outro crítico, também de filiação psicanalítica, é Jean-Paul Weber, elaborador da chamada análise temática. Entendia por tema “um acontecimento ou situação infantil, suscetível de se manifestar – em geral inconscientemente – nas obras ou num conjunto de obras de arte”¹³. Weber propõe como método um monotematismo ao pensar o tema como uma experiência singular, ou um conjunto de experiências semelhantes, em forma de unidades, que marcaram profundamente, desde a infância, o inconsciente e a memória do artista, mantendo-se sempre vivas. Ele distinguia no tema uma modalidade progressiva, que partia das lembranças infantis e de seus reflexos temáticos no texto literário; e uma modalidade regressiva que faria o percurso texto-biografia.

10. Gilbert DURAND. Apud BRUNEL. P. 113

11. Gilbert DURAND. Ibid

12. Ibid.

13. Jean-Paul WEBER. Apud. BRUNEL. P. 98-99

Nesse sentido podemos dizer que ele se opõe a outros críticos temáticos defensores da idéia de um politematismo, tais como Jean-Pierre Richard. Georges Poulet e Gaston Bachelard. Este último acreditava que a obra era uma “emergência da imaginação”. Sua crítica é marcadamente influenciada pela psicanálise e é essencialmente uma crítica do imaginário. O que Bachelard e os adeptos do politematismo pretendiam era “descrever a elaboração pré-reflexiva de determinadas imagens presentes de modo recorrente em certas obras literárias: ¹⁴, e não fazer investigações de neuroses e/ou psicoses oníricas.

Atualmente, percebemos uma simpatia e um grande interesse de muitos críticos literários pela teoria psicanalítica de Jacques Lacan, tal como Freud, um grande leitor de literatura. A influência de sua teoria para o estudo da literatura será vista num item específico deste trabalho.

Diante de tantas divergências metodológicas na crítica literária e, mais especificamente, na crítica psicanalítica, só nos resta perguntar: analisar o quê? Quem? O paciente? A subjetividade do escritor, da personagem, do crítico?

Voltemo-nos a Freud e vejamos como nada é tão simples. Em seu texto de 1907, *Delírios e sonhos no Gradiva de Jensen*, ele parece querer, apenas, tecer uma análise sobre a personagem - Norbert Hanolt - e não registro capaz de lhe confirmar suas teses ou reflexões sobre o inconsciente nos neuróticos comuns, isto é, não criadores. Entretanto, em 1912, num pós-escrito à segunda edição desse texto, ele aponta

14. Cf. Carlos REIS. In: *Técnicas de Análise textual*. P.89



Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel pólen
soft 80 g/m², em setembro de 2018.

